

VOCAÇÃO SACERDOTAL

Você sabe que eu já quis ser padre? Acha graça? Pois é a pura verdade. Eu andava pelos meus 12, 13 anos, e estudava num colégio jesuíta. Era um guri meio tímido, introvertido, e não me salientava nos esportes. Relacionava-me com apenas dois ou três colegas, entre eles Adriano, um menino miúdo e magrinho como eu, só que louro e com a pele bem clara, devido a sua ascendência germânica ou talvez italiana. No início do ano havíamos feito a primeira comunhão e a solene ritualística católica me extasiava. Isto é: a celebração da missa em latim, com os seus cânticos sacros, o aroma de incenso envolvendo a igreja, a luz bruxuleante das velas, as batinas ornamentadas dos sacerdotes, o retinir da reluzente sineta anunciando a hora da consagração, o cálice de vinho, cravejado de diamantes, e o enlevado momento de receber a hóstia, integrando-me ao espírito divino... *Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto. Sicut erat in principio, et nunc, et sempre, et in saecula saeculorum, Amen.* Mas não ria, por mais estranho que hoje isso possa parecer.

Quem primeiro surgiu com a ideia de eu me dedicar à vida clerical foi o padre Afonsinho. Na verdade, ele era *frater* (não sei se ainda usam esta expressão) e não podia officiar missas, o que só ocorreria depois dos chamados últimos votos. Com pouco mais de 20 anos, baixo e amorenado, chegara há pouco tempo no colégio, logo recebendo a alcunha de *Esquilo*. Poucos padres, aliás, escaparam da sanha gozadora dos alunos em cunhar apelidos. Sendo o regente de nossa classe, o 1º ginásial, Afonsinho encarregava-se de ensinar várias disciplinas, entre elas Religião e era sempre reconhecido ao longe no pátio devido a um pequeno barrete que usava no alto da cabeça.

Certa manhã, ao final de uma aula, ele veio falar comigo e me disse que havia percebido a minha maneira compenetrada de acompanhar as missas, ao contrário da maioria dos rapazes sempre distraídos e dispersos. “Nunca pensou em ser padre?” – indagou em seguida. Encarei-o com espanto e respondi que tal hipótese ainda não me passara pela cabeça. “Pois pense no assunto,” falou o jovem padre.

Dias depois, Adriano me contou que Afonsinho havia tido uma conversa parecida com ele. E, nas horas de recreio, enquanto ressoava no ar a algazarra e a gritaria da rapaziada, circulávamos pelo pátio, confabulando a respeito de nossas dúvidas espirituais. Até que, após alguns dias, decidimos aceitar a proposta e comunicamos a Afonsinho a nossa resolução. “Mas isso ainda será um assunto reservado,” explicou ele, “e, por enquanto, ficará só entre nós. Vou então encaminhá-los ao padre Carvalhal, que irá orientá-los daqui para frente.”

O padre Carvalho era um sujeito alto, com cerca de quarenta anos, meio encurvado, de aspecto ascético e pele pálida, os cabelos bem escuros, que, combinados à batina preta e ao nariz adunco, lhe davam uma aparência meio sinistra. Tais características criaram a devida motivação para ele ser conhecido como *Urubu*. Mas o seu traje religioso era sempre bem passado e impecavelmente limpo, ao contrário de outros padres, que usavam batinas sujas e amarrotadas, que pareciam sacos de aniagem, como as do gordo e suarento padre Ernestino, professor de matemática, cujo apelido ajustava-se com perfeição à sua aparência: *Balofo*. E era detestado devido à forma grosseira e autoritária como se dirigia aos alunos. Já Carvalho, com voz melíflua, tratava cordialmente os jovens que eram recebidos em sua sala exclusiva. As convocações ocorriam aleatoriamente, quando, em plena aula, alguém era “convidado” a comparecer perante o padre espiritual. Poucos gostavam desses colóquios evangelizadores (a não ser aqueles que depois aproveitavam para “matar” o restante da aula), pois o local, quase sempre com as janelas fechadas, exalava um forte odor de cigarro e os cinzeiros cheios de baganas demonstravam que o *Urubu* era um inveterado fumante.

Depois que anunciamos a vontade de seguir a carreira religiosa, passamos a nos encontrar com mais regularidade com o padre espiritual, o que nos livrava também de algumas aulas maçantes. Assim, durante os últimos meses do ano, eu e Adriano recebemos a devida orientação sobre o nobre significado de transmitir a mensagem de Cristo e auxiliar os menos favorecidos. Ele não escondia, porém, o fato de que essa opção exigia muito sacrifício, desprendimento e constituía-se ainda numa batalha constante contra os apelos da carne e as artimanhas do demônio e não se cansava de salientar que “muitos eram chamados, mas poucos os escolhidos.”

Mas então vieram as férias de verão e ocorreu uma verdadeira revolução no meu organismo. Devo ter crescido uns três ou quatro centímetros em poucos meses, ao mesmo tempo em que a explosão hormonal da adolescência manifestou-se em variadas partes do corpo: os membros alongaram-se, a voz modificou-se (emitindo indesejáveis falsetes) e pêlos cresceram no buço, axilas e púbis. A partir daí comecei a ser atraído por peitinhos e contornos femininos em formação e seus envolventes aromas. E na praia não conseguia conter as ereções ao ver garotas e mulheres maduras de maiôs e trajes sumários, exibindo reluzentes coxas, deleitáveis seios e bundas roliças, que se revelavam aos meus olhos como mágicas aparições estivais. Muitas vezes me vi obrigado a cair rapidamente n'água, para ocultar o pau duro (que dava nas vista, devido ao seu já respeitável tamanho) e esfriar a cabeça (nos dois sentidos). Foi também

quando passei a entender o que significava a expressão “poluição noturna” (tão utilizada pelo padre espiritual), ao me acordar todo lambuzado, após algum sonho erótico.

Passaram também a me chamar a atenção, nas revistas semanais que o meu pai comprava, as fotos de misses e atrizes de Hollywood, com seus corpos glamorosos e provocantes. Percebi então (quase sem me dar conta) que manipulando o pênis atingia a mesma sensação de prazer que ocorria quando despertava em meio a uma poluição. E descobri a punheta, tão falada pelos guris mais velhos. Comecei a praticá-la, uma ou mais vezes por dia. Mas era acometido depois por um forte sentimento de culpa. E, ao me lembrar dos conselhos e palavras do padre Carvalhal – “Evite os pensamentos impuros...” – tinha vontade de mortificar-me como um santo arrependido. Aí prometia a mim mesmo que não mais cairia em tentação. Mas no dia seguinte (ou mesmo horas depois) uma força irresistível e autônoma movia os meus passos e, quando dava por mim, estava de novo manuseando as revistas e a mim mesmo.

No retorno às aulas em março senti a necessidade de narrar a algum colega as minhas experiências de verão, mas logo considerei que Adriano não seria a pessoa indicada para essas confidências, em virtude dos nossos compromissos religiosos. E acabei procurando Joel, um jovem mais extrovertido, cuja expressão de sátiro demonstrava que ele só pensava em “sacanagens”. Você também conheceu guris assim? Pois é, existem em todas as rodas juvenis.

Mas, por outro lado, protelei o quanto pude uma nova confissão com o padre Carvalhal, pois “aos olhos de Deus, representado pelo sacerdote no confessionário” (de acordo com os seus ensinamentos) “não se pode ocultar nada.” Mas tive que capitular quando ele mesmo me advertiu: “Você ainda não se confessou depois que veio das férias.” E, com ar de advertência, acrescentou: “Não se deve deixar os pecados se acumularem.”

Então enfrentei o confessionário. Ajoelhado naquele cubículo sombrio, sentia-me o maior dos réprobos. “Padre, me perdoe por que pequei,” roguei aos sussurros. “O que você tem que contar a Deus?” – indagou, e percebi uma ansiosa expectativa em sua voz. E antes que eu dissesse alguma coisa, observou: “Você desenvolveu-se bastante nestes últimos meses. Tais mudanças causaram o quê?” Quando eu ia começar a falar, Carvalhal mais uma vez adiantou-se: “Tem se dedicado a atos solitários?” Fui obrigado a revelar que em algumas ocasiões não conseguira me controlar e, por detrás da grade e de uma tênue cortina, eu podia perceber a respiração ofegante. Mas ele queria mais detalhes: “Quantas vezes por semana? O que o estimula? Espiou alguma mulher nua? As ações

pecaminosas são realizadas sozinho, ou com mais alguém? Do sexo masculino ou feminino?”

Não tive alternativa a não ser responder da melhor forma possível aos seus questionamentos, confirmando alguns itens, negando outros, ao mesmo tempo em que notava a sua crescente excitação e o suor na testa. Mas, de repente, conteve-se. Depois de uma pausa, aconselhou-me: “Você precisa combater com mais denodo essas manifestações demoníacas. E o esforço tem que ser redobrado, porque você está passando por um período problemático, quando todo o seu corpo está amadurecendo. Mas o sacrifício depois será recompensado, se você continuar seguindo os caminhos de Cristo.” Por fim me deu uma longa penitência e absolveu-me.

A partir daí, sombras de dúvida começaram a pairar em minha mente. As pregações religiosas pareciam envoltas num halo de falsidade e o ritual da missa já não me causava o mesmo deslumbramento anterior. Indagava então a mim mesmo: quero mesmo ser padre, ou tudo não passa de uma ilusão infanto-juvenil? E, por mais que resistisse, quando me encontrava solitário em meu quarto, aquele irresistível impulso me dominava e, como um animal faminto, ia atrás das tentadoras revistas, devidamente escondidas numa gaveta secreta. Ou bastava fechar os olhos e imagens sensuais formavam-se na minha mente, e, esquecido de tudo, alheio a padres, santos e deuses, rejeitando dogmas e convicções, me deixava levar pelas proibidas delícias do onanismo.

Adriano também apresentava mudanças na aparência, pois crescera alguns centímetros (não tanto quanto eu) e o seu rosto enchera-se de espinhas. Porém notei nele alguns trejeitos diferentes, antes não percebidos. Quando relatei as minhas vacilações, ele procurou me convencer de que tais provações faziam parte do plano divino para nos testar e que eu não deveria me deixar influenciar por essas disposições negativas. Parecia até um padre falando. Ele continuava convicto do seu destino eclesiástico.

Então, num início de noite, depois de realizarmos algumas pesquisas na biblioteca, Adriano me conduziu à capela, para rezarmos pelas nossas vocações sacerdotais. Sentados numa fileira de bancos em frente ao altar permanecemos em silêncio durante algum tempo, entregues às nossas orações, pensamentos e devaneios. Até que, de repente, senti uma de suas mãos subindo pela minha coxa esquerda. Continuei olhando para o altar com as suas divindades imóveis, parecendo nos observar, mas não consegui evitar a ereção. Em seguida, Adriano apalpou o meu membro, abriu a braguilha, empunhou-o e masturbou-me. Gozei quase imediatamente, o jato espalhando o sêmen pelos bancos e pelo chão. Pouco tempo depois saímos

e nos separamos sem trocar uma palavra. Nos dia seguinte voltamos a conversar, como se nada houvesse acontecido.

Depois disso fiquei durante umas duas semanas me debatendo sobre o meu futuro, que parecia nebuloso como as nuvens que anunciam uma tempestade. Até que tomei uma decisão: comunicaria ao padre Carvalho que não me sentia mais apto a ingressar no sacerdócio, pois não tinha forças para impedir que os meus instintos carnis se manifestassem. E numa hora amena, no princípio da tarde, dirigi-me ao seu gabinete. Quando abri a porta – depois de dar duas batidinhas discretas – eis com o quê me deparo: Adriano sentado no colo de Carvalho, com as calças até os joelhos, e suas expressões, surpresas e assustadas, me encarando subitamente. Saí dali às pressas, seguindo pelo comprido corredor e, ao passar pela porta da clausura (o local secreto e refúgio dos padres), uma sensação amarga me revolveu o estômago, deteriorando totalmente a minha crença na doutrina católica.

Mas chega de conversa mole. Quero saber quando você vai entrar com um habeas-corpus para me tirar desta porra de cadeia! Ela abriu as pernas por que quis. Eu não estupro ninguém!

(Do livro “Assassinato ao Luar”, Editora Insular, 2015.)

